

Identidade Afro-brasileira: Um diálogo entre Memória e Cultura material

Estefania Jaékel da ROSA*

Resumo

Este ensaio apresenta uma breve discussão teórica sobre as perspectivas da pesquisa arqueológica na charqueada Santa Rita (Pelotas/RS). Para isso desenvolve-se um diálogo dos referenciais teóricos e metodológicos da Arqueologia afro-americana e afro-brasileira com obras historiográficas que abordam o tema da escravidão em Pelotas. O intuito é apresentar novas questões para discutir a representação da memória e da identidade afro-brasileira em Pelotas.

Palavras-chave: Arqueologia; identidade afro-brasileira; charqueadas

African-Brazilian Identity: A dialogue between Memory and Material Culture

Abstract

This essay presents a theoretical discussion about the prospects for archaeological research at Santa Rita Jerked beef (Pelotas / RS). For that develops a dialogue of theory and method of Archaeology african-american and african-Brazilian historical works that address the topic of slavery in Pelotas. The goal is to present new issues to discuss the representation of memory and identity african-Brazilian in Pelotas.

Keys-words: Archaeology; african-brazilian identity; Jerked beef

INTRODUÇÃO

Este ensaio apresenta as discussões preliminares do projeto “*Arqueologia Afro-brasileira: um novo olhar sobre a memória e o patrimônio das charqueadas pelotenses*”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL. Este projeto consiste no estudo arqueológico da área de habitação e da cultura material dos escravos que viviam na charqueada Santa Rita, um estabelecimento escravista de produção de carne salgada situado às margens do Arroio Pelotas. O objetivo central é compreender as práticas cotidianas, as ações de resistência e a identidade cultural afro-brasileira expressas nos vestígios arqueológicos dos grupos escravos que habitavam esta charqueada. Para isso, segue-se uma metodologia baseada nos referenciais teóricos da Arqueologia afro-americana. A evidenciação desses elementos materiais da vida cotidiana dos escravos, além de lançar novas perspectivas sobre a herança cultural africana em nossa região, contribui com o debate sobre a

* Licenciada em História/UFPEL. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Bolsista da CAPES.

memória e a identidade afro-brasileira, bem como com novos parâmetros para analisar o conjunto patrimonial das charqueadas pelotenses.

A mão-de-obra escrava africana começou a ser utilizada de forma mais efetiva na região do atual município de Pelotas a partir do final do século XVIII. Neste período, o fim das disputas entre as coroas portuguesa e espanhola marcaram o começo da distribuição de terras nessa planície, permitindo o desenvolvimento da produção comercial de charque em estabelecimentos localizados às margens do arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo. Ao longo do século XIX, as charqueadas tornaram-se a base econômica da região, proporcionando o surgimento de uma elite ostentadora, um povoado próspero e um núcleo urbano articulado às redes de exportação e importação do período. O escravo africano atuou como a base produtiva de todo este cenário, trabalhou nas charqueadas, nas olarias, nas atividades domésticas, nos transportes, nas diversas atividades do meio urbano, enfim, homens, mulheres e crianças negras foram responsáveis pela construção e a manutenção da vida rural e urbana deste povoado até a década de 1880, quando teve fim a escravidão no país (GUTIERREZ, 2001, 2004; MAESTRI, 1984, 2008; OGNIBENI, 2005; PESSI, 2008).

A consideração sobre a importância da presença africana na formação e no desenvolvimento da região de Pelotas resultou em uma crescente produção historiográfica nas últimas décadas, explorando, entre outros temas, a escravidão nas charqueadas. Autores como Cardoso (1977); Corsette (1983); Maestri (1984; 2008); Gutierrez (1993; 2001; 2004); Ognibeni (2005) e Pessi (2009) desenvolveram importantes trabalhos acerca das práticas escravistas nas charqueadas pelotenses. Essas obras, baseadas em fontes como testamentos, inventários *post-mortem* e relatos de viajantes, analisam a sociedade escravista e procuram evidenciar a presença dos escravos africanos na região. Entretanto, a visão escravocrata que permeia as fontes escritas limita a humanidade do trabalhador escravizado a um “bem” arrolado como parte do patrimônio material do senhor. Dessa forma, as fontes arqueológicas apresentam-se como uma nova alternativa para discutir aspectos sociais, econômicos, culturais e simbólicos da vida cotidiana dos escravos, contribuindo com a descoberta de provas materiais da experiência africana sob o regime escravista e desvendando táticas e estratégias de resistência que passaram despercebidas aos olhos dos senhores e que não foram registrados pelas fontes escritas.

A rica literatura arqueológica afro-americana comprovou a existência dessas provas materiais da vida cotidiana dos escravos, lançando parâmetros para as análises da arqueologia afro-brasileira, um campo ainda em constituição. O estudo dos vestígios arqueológicos dos sítios de escravos das *plantations* americanas (FOUTAIN, 1995; SAMFORD, 1996; SINGLETON, 1995) e dos engenhos brasileiros (SOUZA, 2007; SYMANSKI, 2007, 2008; SYMANSKI; SOUZA, 2007) apresentam os estabelecimentos escravistas não apenas como a expressão da dominação branca, mas como o palco da resistência negra, onde pequenos e silenciosos atos cotidianos permitiram a manutenção de elementos da cultura africana como um legado patrimonial de seus antepassados.

Este ensaio apresenta uma discussão preliminar dos referenciais utilizados nesta pesquisa, onde, o diálogo entre os dados arqueológicos afro-americanos e afro-brasileiros e os estudos historiográficos sobre a escravidão nas charqueadas pelotenses apontaram algumas possibilidades de investigação da presença escrava na charqueada Santa Rita. Seguindo esta proposta, serão apresentados alguns esclarecimentos acerca das origens, do desenvolvimento e das abordagens da arqueologia afro-americana, a fim de compreender a constituição deste campo de pesquisa nos Estados Unidos, bem como os trabalhos desenvolvidos nessa perspectiva no Brasil. Em seguida, as fontes historiográficas serão analisadas evidenciando algumas pistas para subsidiar a pesquisa de campo na charqueada Santa Rita, indicando algumas inferências passíveis de serem identificadas nesse contexto com base em exemplos de achados arqueológicos nas *plantations* e engenhos.

Desenvolvimento e perspectivas da arqueologia afro-americana e afro-brasileira

As pesquisas arqueológicas voltadas aos estudos afro-americanos surgiram na década de 1960 nos Estados Unidos. As intensas reivindicações deste período mobilizaram forças sociais, políticas e intelectuais na luta por representatividade cultural e memorial dos negros na sociedade americana. Este contexto influenciou diretamente no desenvolvimento da Arqueologia afro-americana, pois esta contou com a atuação de pesquisadores engajados na militância política, como o movimento pan-africanista e o movimento dos direitos civis dos negros americanos (BLAKEY, 2001); com os novos estudos sobre etnicidade e história social em uma “perspectiva subordinada”, ou seja, dando voz aos grupos excluídos da História Oficial (ORSER, 1998); com a criação da

legislação de preservação histórica e a descoberta de sítios afro-americanos em trabalhos de Arqueologia de contrato (também chamada de “Gestão dos Recursos Culturais” - CRM) (SINGLETON, 1995); e ainda com a participação da comunidade e de agentes sociais nas pesquisas arqueológicas por meio da arqueologia pública e de ações de educação patrimonial, como a abertura de sítios para visitação, a criação de exposições, etc. (BLAKEY, 2001; SINGLETON 1995).

Essas novas tendências mudaram os rumos da Arqueologia Histórica nos Estados Unidos. Até então, esta disciplina dedicava-se apenas ao estudo da cultura material das elites, como as mansões das *plantations* do Sul e as treze colônias do Norte (ORSER, 1998). Nos anos 60 e 70, as escavações nas *plantations* foram direcionadas para a identificação de vestígios dos escravos, procurando delimitar os espaços das senzalas e evidenciar os vestígios materiais ligados aos escravos africanos. A partir da década de 1980 a Arqueologia Afro-americana consolidou-se como uma subdisciplina da Arqueologia Histórica, com seus próprios simpósios, reuniões, revistas, etc. (SPEIGHT, 2002), apresentando revisões e críticas dos trabalhos anteriores e propondo a aplicação de novas abordagens nestes estudos (SINGLETON, 1995).

Atualmente, a Arqueologia afro-americana é uma das vertentes mais populares da Arqueologia Histórica nos Estados Unidos, um grande número de sítios escravos já foi escavado gerando o conhecimento arqueológico de uma vasta região. Os dados obtidos revelam diversos aspectos da vida cotidiana que escaparam à vigilância senhorial e aos registros escritos, como as estratégias de subsistência, os contornos espaciais, as formas de habitações, os hábitos de consumo e a cultura material, os objetos de uso simbólico e ritualístico, etc. Os dados arqueológicos descortinam um universo até então desconhecido, comprovando que os negros não foram passivos à escravidão, eles resistiram ao domínio e preservaram uma forte identidade cultural ligada as suas origens africanas. Essas conclusões resultam de décadas de pesquisas, dissertações, teses e publicações oriundas de linhas de pesquisas de Universidades e Centros de Pesquisas norte-americanos.

No Brasil os estudos arqueológicos de sítios e vestígios materiais de influência africana iniciaram a partir da década de 1980, com as escavações de Carlos Guimarães no Quilombo Ambrósio em Minas Gerais (SYMANSKI, 2009), seguidas do estudo dos vestígios arqueológicos da vida cotidiana do quilombo de Palmares realizado por Pedro Funari e Charles Orser na década de 1990 (FUNARI, 1995). Nesse período, Tânia A. Lima

e Camilla Agostini começaram a evidenciar vestígios materiais associados aos escravos africanos em amostras arqueológicas de alguns sítios do Rio de Janeiro (AGOSTINI, 1998). Nos anos 2000 as escavações de Souza e Symanski em engenhos escravistas nas regiões de Goiás e Mato Grosso lançaram novas perspectivas para a arqueologia afro-brasileira, discutindo questões sobre resistência e identidade cultural a partir de estudos contextuais e de cultura material e análises de paisagens em estabelecimentos escravistas brasileiros (SYMANSKI; SOUZA, 2007; SYMANSKI, 2009).

Alguns esclarecimentos conceituais

A grande diversidade de abordagens das pesquisas arqueológicas afro-americanas sugere uma multiplicidade de denominações dadas a esses estudos. Os autores dedicados ao tema utilizam termos como Arqueologia Afro-americana, Arqueologia da escravidão, Arqueologia dos sítios escravos, Arqueologia da diáspora africana, enfim, estes se confundem muitas vezes, ficando no limiar entre problemas terminológicos e conceituais.

É comum utilizarmos o termo Arqueologia da escravidão, contudo, nos Estados Unidos esta denominação já está em desuso, segundo Joe L. Speight (2002) esta disciplina foi inicialmente chamada de “Slave Archaeology” (Arqueologia escrava ou Arqueologia da escravidão), mas, atualmente o termo mais apropriado é “Early African-American Archaeology” (ou apenas Arqueologia Afro-americana). Orser (2002) defende que a Arqueologia da escravidão apresenta elementos comuns, mas não é sinônimo de Arqueologia Afro-americana. Seu foco é a análise do comércio transatlântico e do legado da escravidão em diferentes contextos. No entanto, discute as controvérsias do uso desta definição, sendo que a principal crítica recai sobre a redução da identidade do sujeito à sua condição de escravo.

O termo Arqueologia da diáspora africana também se diferencia de Arqueologia Afro-americana, uma vez que esta está ligada especificamente ao contexto do Novo Mundo, onde a cultura africana apresenta-se de forma híbrida, com assimilações de outras culturas presentes no continente Americano. Já a Arqueologia da Diáspora Africana investiga a dispersão global da cultura africana, analisando as variações e as permanências desta cultura deslocada visando investigações multidisciplinares e interculturais envolvendo todos os continentes povoados por esta etnia (ORSER, 1998; POSNANSKY, 1984). De acordo com Ferreira (2010, p. 2) “el concepto de diáspora

africana abarca la Historia multicultural del Atlántico, o sea, el análisis y la cartografía de la red triangular del tráfico de esclavos que enlazó las culturas de los pueblos de África, Europa y América”. Essas diferenças não consistem necessariamente em uma contradição entre essas abordagens. A ênfase da Arqueologia Afro-americana é local, centra-se sobre os sítios arqueológicos da América, podendo ser compreendida como uma especialização da Arqueologia da diáspora africana, a qual trabalha em uma perspectiva global.

Com base nesses esclarecimentos, a definição que será empregada nesta pesquisa é Arqueologia Afro-americana, pois estaremos tratando especificamente de contextos arqueológicos do continente americano. Da mesma forma, utilizaremos o conceito Arqueologia afro-brasileira quando abordarmos os grupos locais, seguindo a denominação já utilizada por Symanski (2009). A determinação dessas definições se justifica pelo tipo de abordagem empregada nesta pesquisa, a qual pretende analisar a memória e a identidade cultural afro-brasileira, não apenas a subordinação desses grupos ao trabalho compulsório.

Nessa perspectiva, apresenta-se uma breve revisão dos dados arqueológicos de estabelecimentos escravistas afro-americanos (*plantations*) e afro-brasileiros (engenhos), por consistirem em tipologias similares ao sítio em estudo, propiciando referenciais de análise para as pesquisas arqueológicas na charqueada Santa Rita. A proposta deste ensaio não é aprofundar as discussões acerca das abordagens da arqueologia afro-americana e afro-brasileira, mas sim apresentar algumas bases comparativas para analisar o contexto arqueológico dos escravos que viviam nesta charqueada.

Charqueada Santa Rita: um diálogo entre História e Arqueologia

Este ensaio apresenta alguns apontamentos preliminares acerca das possibilidades investigativas do contexto arqueológico da charqueada Santa Rita. Essa perspectiva foi construída a partir de um diálogo entre as fontes historiográficas que abordam a escravidão nas charqueadas e os dados arqueológicos de sítios escravos escavados nos Estados Unidos e no Brasil. Esses referenciais contribuem com informações importantes para subsidiar os trabalhos *in situ*, assim como uma reflexão sobre elementos passíveis de serem identificados nesse contexto.

A charqueada Santa Rita foi fundada em 1826 por Inácio Rodrigues Barcellos, permanecendo sob propriedade desta família durante todo o período escravista. Esta

propriedade foi administrada pelos três filhos de Inácio e Emerenciana Manuela Teixeira, Luís Teixeira Barcellos, Eleutério Rodrigues Barcellos e Boaventura Teixeira Barcellos. O número de escravos dos proprietários da charqueada Santa Rita foi analisado por Gutierrez (2001) por meio dos inventários *post-mortem*, chegando a uma média de 27 escravos para este estabelecimento. Assim, em 1863, Inácio Rodrigues Barcellos possuía 30 escravos, Luís Teixeira Barcellos tinha 23 escravos em 1871, sua esposa Rita Teixeira Barcellos era proprietária de 28 escravos em 1880. O inventariado de Eleutério Rodrigues Barcellos datado de 1886, período onde a escravidão já havia sido abolida em Pelotas, conta ainda com 9 contratos de trabalho obrigatório com crianças de 4 a 7 anos (GUTIERREZ, 2001, p. 137).

O número de escravos desta charqueada é relativamente pequeno em relação a outros estabelecimentos, que chegavam a contar com mais de 100 cativos. No entanto Ognibeni (2005) apresenta uma explicação plausível para este reduzido número de escravos, afirmando que os números arrolados nos inventários não necessariamente condizem com o número de escravos que habitavam e trabalhavam nas charqueadas no período de safra, uma vez que muitos charqueadores alugavam ou tinham escravos em sociedade, alguns hipotecavam ou pagavam suas dívidas com escravos, ou mesmo a partilha de trabalhadores cativos poderia ocorrer entre os demais familiares e proprietários antes do levantamento dos bens do falecido. Pessi (2008, p. 17) também argumenta a limitação dos inventários, pois esta fonte “apresenta necessariamente a composição dos bens no momento de falecimento do inventariado, não sendo possível compreender as estratégias de investimentos, mas somente a participação estática dos diversos bens em certo momento.”

Assim, um fator que parece uma limitação num primeiro momento torna-se um problema de pesquisa possível de ser explicado pelas fontes arqueológicas, as quais podem, por exemplo, desvendar intensas atividades nas senzalas desta propriedade, representando a presença de um número maior de indivíduos.

Para desvendar questões como essas, é fundamental analisar a formação espacial da propriedade e identificar o local onde se situava a senzala. De acordo com Symanski e Souza (2007) a análise contextual é fundamental para compreender o sítio e não cometer o erro de essencializar a cultura material, uma vez que, os materiais utilizados pelos escravos podiam não diferenciar-se daqueles encontrados na “casa grande”. No entanto, localizar as senzalas consiste em uma tarefa difícil, devido as

poucas referências históricas e à fragilidade dos materiais construtivos, os quais se decompõem rapidamente deixando o registro arqueológico com pouca visibilidade aos arqueólogos. Singleton (1995) e Samford (1996) ressaltam as dificuldades encontradas pelos arqueólogos na identificação das senzalas, assim, deve-se recorrer para alguns indicadores como a posição da casa do senhor, a cultura material e marcas no solo para localizar os sítios escravos.

A historiografia local aponta certo padrão na distribuição espacial das charqueadas. Estas se localizavam nas proximidades dos acessos fluviais, para facilitar o escoamento da produção e a entrada de mercadorias e escravos pelo porto de Rio Grande. A localização estratégica do Arroio Pelotas e os terrenos estreitos e compridos (770 X 4.136m), decorrentes da divisão de terras da sesmaria do Monte Bonito, propiciaram o desenvolvimento de uma zona fabril devido a grande concentração de charqueadas nesta região (GUTIERREZ, 2004; PESSI, 2008). As faixas de terras que formavam as charqueadas eram cortadas por caminhos que dividiam o potreiro dos fundos, local onde ficava o gado, o potreiro do meio onde havia as olarias, hortas e pomares e o terreno ribeirinho onde se situavam a morada do senhor, a senzala, a fábrica e um pequeno porto com os atracadouros dos barcos (GUTIERREZ, 2004, p. 25).

As senzalas eram arroladas nos inventários como integrantes do conjunto de prédios e benfeitorias da fábrica, sendo raramente destacados nos documentos. Os materiais construtivos empregados nas moradias dos escravos eram rudimentares como paredes de pau-a-pique e cobertura de capim, contudo, a larga produção de telhas e tijolos nas olarias, as quais ocupavam os escravos no período entressafra, apresentavam uma alternativa para a construção das senzalas, de forma que alguns inventários descrevem a utilização destes elementos cerâmicos nas construções desses prédios. Ognibeni (2005) analisou as descrições e os valores das senzalas presentes nos inventários e afirma que nem todos os charqueadores arrolavam essas moradias, algumas poderiam ser listadas junto às demais “benfeitorias” da propriedade. Essa autora apresenta uma descrição importante acerca da senzala da charqueada Santa Rita, indica sua localização, o material construtivo e a manutenção dada a esta construção, fornecendo alguns parâmetros para a realização da pesquisa de campo. A senzala da Charqueada Santa Rita é citada nos inventários de Ignácio Rodrigues Barcellos, “arrolada como sendo 1 senzala coberta de capim junto a graxeira do Sr. Chaves e avaliada em 100#000 réis” (OGNIBENI, 2005, p. 75) e posteriormente no inventário de Luis Teixeira

Barcellos, onde valia somente 150#000 réis porque “já estava velha”. (OGNIBENI, 2005, p. 76)

Contudo, além dessas informações locais devemos levar em conta os indicadores arqueológicos que definem esse tipo de sítio. Um dos elementos mais destacados na literatura arqueológica é a presença dos *storage pits* (também chamados de *tanning pits* ou *root cellars*), uma espécie de poço de armazenamento característico e demarcador desta tipologia de sítio. Esses poços são singulares às práticas afro-americanas, pois apontam as manobras dos escravos para suprirem suas necessidades de subsistência (FOUTAIN, 1995; SAMFORD, 1996; SINGLETON, 1995). A análise arqueológica desses poços revelou o armazenamento de diversos tipos de materiais. Os vestígios faunísticos e botânicos, as ferramentas agrícolas, as armas e os instrumentos de caça indicam que a dieta dos escravos era complementada pela caça, pesca e pelo cultivo de algumas plantas. Elementos materiais como botões, moedas, instrumentos musicais, talheres e utensílios domésticos (SAMFORD, 1996), objetos de adorno pessoal, objetos ritualísticos e grafites de lápis representam as práticas cotidianas de significado cultural e simbólico dos escravos (FOUTAIN, 1995). Os pesquisadores norte-americanos explicam que esses poços serviam para proteger os pertences dos escravos de furtos e esconder do senhor materiais considerados “clandestinos” (FOUTAIN, 1995). Alguns arqueólogos acreditam ainda que, além de funcionarem como um atestado de resistência escrava, essas evidências também representam a permanência de uma prática cultural africana (SAMFORD, 1996; SINGLETON, 1995). Embora essas informações sejam referentes a contextos norte-americanos devemos levar em conta a probabilidade de evidenciar esse tipo de ocorrência no registro arqueológico da charqueada Santa Rita.

Os vestígios arqueológicos presentes nesses poços e nas áreas identificadas como senzalas desvendaram questões sobre subsistência, gênero, identidade, simbolismo, enfim, uma série de aspectos da vida cotidiana dos escravos. No entanto estes exemplos não serão explanados em maior profundidade neste ensaio porque ainda não temos exemplares da cultura material dos escravos da Santa Rita, tampouco eles são ilustrados nas fontes escritas e historiográficas, e portanto não temos bases comparativas para dialogar com os referenciais teóricos. De acordo com Ognibeni (2005), até mesmo as senzalas e os objetos utilizados para repressão raramente são arrolados nos inventários, indicando descaso ou certo pudor em expor as formas de castigo aplicadas aos escravos. Da mesma forma, as expressões materiais da cultura dos escravos africanos não foram

alvo de análises ou descrições nas fontes escritas.

Uma consideração importante acerca da cultura e da vida cotidiana dos escravos que viviam na região de Pelotas foi encontrada nos trabalhos historiográficos de Mello (1994) e Silva (2001). Estes transcenderam a simplificação e dedicaram seus estudos para a compreensão das estratégias cotidianas de resistência e as práticas culturais e religiosas de matriz africana. Mello (1994) analisou os jornais pelotenses do século XIX e descobriu uma série de “escapes” dos escravos diante da repressão. Sua pesquisa aborda as expressões religiosas e artísticas, como o batuque e o carnaval, bem como a “vadiagem”, os furtos, o alcoolismo, os reviras, o carteado, as danças, as reuniões em botequins, etc. revelando outra realidade vivida pelos negros escravos e libertos. Silva (2001), com base em jornais e processo-crime, apresenta o consumo e o manuseio de diversos químicos venenosos no assassinato de senhores como uma tática de resistência, bem como o consumo de álcool, tabaco e maconha como fugas à realidade opressora.

A espiritualidade e as práticas religiosas consistiram em uma das formas mais significativas de manutenção de uma identidade cultural, assim como corroboravam como uma forma de resistência à escravidão. Os cultos africanos representam uma das heranças culturais mais fortes e mais presentes na sociedade pelotense até os dias atuais. Os autores afirmam que os rituais africanos eram praticados pelos escravos das charqueadas, sendo o Batuque a primeira e principal expressão religiosa desse grupo. Os negros reuniam-se sob as figueiras, executavam cerimoniais em velórios e enterros, bem como aos domingos e dias santos. Nas horas de repouso, consagravam o batuque em suas senzalas, ou fugiam para região portuária onde haviam vários terreiros de Batuque (DALLA VECCHIA, 1994; MELLO, 1994; MOTTA, 1994).

O estudo arqueológico pode revelar alguns objetos utilizados nas práticas religiosas como instrumentos musicais, adornos corporais e objetos ritualísticos. Na obra de Dalla Vecchia (1994) os depoentes comentam sobre flautas feitas de bambu e instrumentos de percussão utilizados pelos escravos das charqueadas. Samford (1996) encontrou em seus sítios vestígios de instrumentos musicais feitos de contas, cabaças e sementes, materiais prováveis de serem encontrados nas charqueadas pelotenses. Symanski (2007) analisou o papel da cultura material na reprodução e manutenção de práticas religiosas africanas nos contextos escravos dos engenhos da Chapada dos Guimarães. Dentre os vestígios arqueológicos encontrados nesses sítios, Symanski

identificou artefatos cerâmicos decorados com signos religiosos de origem africana, objetos enterrados sob os pisos da “casa grande” com significados mágico-religiosos, conjuntos de artefatos de uso ritual para controle dos espíritos, chamados de “cachês” ou *minkisi*, amuletos, entre outras práticas que o autor considera como táticas subversivas ao sistema escravista.

O estudo de Mello (1994) aponta a presença constante nos jornais pelotenses do século XIX de notícias e relatos referentes às práticas religiosas dos negros escravos e libertos. Os jornais traziam reclamações de sujeitos que temiam e condenavam essas expressões religiosas de origem africana e noticiavam atos de repressão policial aos terreiros de Batuque ou aos “pretos feiticeiros”. Além dos terreiros da área urbana, os escravos também praticavam sua religião nas charqueadas, conforme Dreys (1927 *apud* OGNIBENI, 2005), era comum ouvir os “batuques dos escravos” em suas senzalas. Essas informações, somadas aos dados arqueológicos acerca dos objetos de uso religioso e ritualístico encontrados em sítios americanos e brasileiros, reforça a possibilidade de verificarmos vestígios materiais das práticas religiosas dos escravos na charqueada Santa Rita.

Os utensílios domésticos também são recorrentes no registro arqueológico de sítios escravos. Esses consistiam em peças cerâmicas produzidas pelos próprios escravos (SAMFORD, 1996; SYMANSKY, 2007) ou louças importadas adquiridas por meio de gratificações, furtos ou compra (SINGLETON, 1995, 2001; SYMANSKI, 2007). A produção cerâmica além de função utilitária exercia um papel simbólico, pois reproduzia símbolos e decorações que reforçavam uma memória africana (SYMANKI, 2007, 2008), possibilitando estudos sobre identidade cultural (FOUNTAIN, 1995; SAMFORD, 1996). Já a identificação de objetos importados associados a contextos escravos levantam discussões acerca das relações sociais entre senhores e escravos, onde esses materiais podem representar formas de recompensar os escravos por bom comportamento (SINGLETON, 1995, 2001).

A historiografia local não aborda a questão de uma produção cerâmica por escravos, entretanto, Monastério (2005, p. 16) afirma que “houve charqueadores que ofereciam recompensa monetária para os escravos que superassem suas cotas produtivas diárias”. Esta informação corrobora com a possibilidade de encontrarmos materiais importados associados aos escravos no registro arqueológico da charqueada Santa Rita. Por isso, seguindo os apontamentos de Symanski e Souza (2007), não

devemos “essencializar” a cultura material, ou seja, não devemos determinar os vestígios arqueológicos como indicadores de grupos étnicos e sociais específicos, pois esses objetos permeavam várias esferas até alcançar seu contexto final de descarte.

Considerações finais

Esse ensaio apresentou uma breve discussão acerca das possibilidades investigativas da arqueologia afro-brasileira na charqueada Santa Rita. A proposta de analisar os espaços e os vestígios materiais das práticas cotidianas dos escravos que habitavam este estabelecimento apresenta uma importante contribuição ao estudo da memória afro-brasileira, pois tem por objetivo central compreender a representação sócio-cultural deste grupo, não apenas a sua condição servil. Os diversos exemplos das pesquisas arqueológicas afro-americanas e afro-brasileiras comprovam que os africanos e seus descendentes utilizaram diversas estratégias para garantir a manutenção de uma identidade cultural ligada as suas raízes africanas, desde as expressões religiosas até a reprodução de símbolos em objetos de uso utilitário. Dessa forma, esse trabalho mostra a importância de buscarmos uma nova alternativa para discutir questões ligadas à memória e a identidade afro-americana, apresentando a Arqueologia como um campo fundamental para resgatar aspectos da vida cotidiana que escaparam as fontes escritas e possibilitando a descoberta de novos elementos para compor o conjunto patrimonial afro-brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Camilla. Resistência Cultural e Reconstrução de Identidades: Um Olhar Sobre a Cultura Material de Escravos do Século XIX. **Revista de História Regional**, (3): 2, 2008, pp.113-137.
- BLAKEY, M. L. **Bioarchaeology of the African Diaspora in the Americas: Its Origins and Scope**. *Annual Review of Anthropology*, (30): 2001, pp. 387-422.
- DALLA VECHIA, A. M. **Os Filhos de Escravidão**. Pelotas: Editora da UFPel. 1994b. *Vozes do Silêncio: Depoimentos de Descendentes de Escravos do Meridiano Gaúcho*. Parte I. Pelotas: Editora da UFPel, 1994.
- FERREIRA, Lúcio M. La arqueología de la Diáspora Africana: algunas aproximaciones. In: **XVII Congreso Nacional de Arqueología Argentina**. Buenos Aires, 2010.
- FUNARI, P.P.A. A “República de Palmares” e a Arqueologia da Serra Barriga. São Paulo: **Revista da USP**, (2 8), Dez/Fev. 1995-96, pp. 6-13
- GUTIERREZ, Éster J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias. Um estudo sobre o espaço pelotense**. 2 ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.
- _____. **Pelotas: palco da manufatura escravista das carnes na fronteira meridional do Brasil**. Monografia de Especialização. Curso Internacional de

Especialização: Gestão do patrimônio cultural integrado ao planejamento urbano da América Latina, UFPEL. Pelotas, 2004.

MAESTRI, Mário. **O Escravo no Rio Grande do Sul**. A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho. EST/Porto Alegre; UCS/ Caxias do Sul, 1984

_____. História e Historiografia do Trabalhador Escravizado no RS: 1819-2006. In: Lechini, G. **Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del outro**. 1ª ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2008, p. 53-88.

MELLO, A. L. de. **Reviras, Batuques e Carnavais: A Cultura de Resistência dos Escravos em Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 1994.

MONASTÉRIO, Leonardo M. FHC errou? A economia da escravidão no Brasil meridional. In: **História e Economia Revista Interdisciplinar**. Vol. 1 - n. 1 - 2º sem. 2005, pp. 13-28.

MOTTA, Ivana. **Uma análise dos suicídios cometidos pelos negros escravos em Pelotas (1871-1884)**. Pelotas: UFPEL, 1994. (Trabalho de conclusão do Curso de História)

OGNIBENI, Denise. **Charqueadas Pelotenses no Século XIX: Cotidiano, Estabilidade e Movimento** – Porto Alegre: PUC, 2005. (Tese de Doutorado)

ORSER Jr. The archaeology of the African diaspora. In: **Annual Review of Anthropology**, (27): 1998, pp. 63-82.

_____. **Encyclopedia of Historical Archaeology**. New York:Routledge, 2002.

PESSI, Bruno Stelmach. **O Impacto do fim do Tráfico na Escravidão das Charqueadas Pelotenses (C. 1846 – C. 1874)**. Porto Alegre: URS, 2008.. (Trabalho de conclusão do Curso de História)

POSNANSKY, M. Toward of the Black Diaspora. **Journal of Black Studies**, (15): 2, 1994, pp. 195-205.

SAMFORD, P. **The Archeology of African-American Slavery and Material Culture**. The William and Mary Quaterly, (53): 1, 1996, pp. 87-114.

SILVA, Roger C. da. **Muzungas: Consumo e Manuseio de Químicas por Escravos e Libertos no Rio Grande do Sul (1828-1888)**. Pelotas: EDUCAT, 2001.

SINGLETON, T. The Archaeology of Slavery in North America. **Annual Review of Anthropology**, (24): 1995, pp.119-140.

_____. Slavery and Spatial Dialectics on Cuban Coffee Plantations. **World Archaeology**, (33): 1, 2001, pp. 98-114.

SOUZA, Marcos. A. T. de. Uma outra Escravidão: a Paisagem Social no Engenho de São Joaquim, Goiás. **Vestígios**, (1): 1, 2007, pp. 59-92.

SYMANSKI, L. C. P. O Domínio da Tática: Práticas Religiosas de Origem Africana nos Engenhos da Chapada dos Guimarães. **Vestígios**, (1): 2, 2007, pp. 9-36.

_____. Alocronismo y Cultura Material: Discursos de Dominación y la Utilización de la Bienes Materiales En la Sociedad Brasileira del Siglo XIX. In **Sed nos Satiata II: acercamientos sociales en la arqueologia latinoamericana**. Buenos Aires: Encuentro Grupo Editor, 2008, pp.255-275.

SYMANSKI, L. C. P; SOUZA, M. A. T. de. O Registro Arqueológico dos Grupos Escravos: Questões de Visibilidade e Preservação. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, (33), 2007, pp. 215-242.

SPEIGHT, Joe L. *Artist-Archaeologist Shines New Light on Slave Life*. In: LEVINS Hoag. **Black history by the shovel full**, New Jersey: HistoricCamdenCounty, Fev. 2002.

Disponível em: <http://historiccamdencounty.com/ccnews32.shtml> (Consulta em 10/06/2010)